

Variações no léxico de ‘A Fala’: plantas e animais

Lexical variation in ‘A Fala’: plants and animals

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.26898>

Tamara Flores Pérez

É leitora na Universidade de Aveiro. É licenciada em Filologia Hispânica e mestre em Ensino do Espanhol como Língua Estrangeira pela Universidade de Salamanca. A sua tese de doutoramento investiga os usos e atitudes dos falantes do val de Xálima e a variação lexical de um ponto de vista sociolinguístico.

E-mail: tamarafloresperez@ua.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1011-8830>

RESUMO

No vale de Xálima (Cáceres) falam-se três variedades (*manhego* em São Martinho de Trebelho, *lagarteiro* em As Elhas e *valverdeiro* em Valverde do Fresno) de uma língua cujo glotónimo consensual, embora controverso, é *A Fala*. Desde o *boom* dos anos 90, foram muitos os investigadores que realizaram estudos sobre estas variedades; todavia, a maioria deles centraram-se em determinar a origem e adscrição linguística das mesmas, pelo que ainda são necessários mais trabalhos descritivos em todos os campos da língua, especialmente no léxico.

A partir de uma recolha do léxico disponível de *A Fala* do vale de Xálima, propomo-nos analisar as variações encontradas em dois centros de interesse: animais e plantas.

Palavras-chave: *A Fala*. Léxico disponível. Variação. Castelhanização. Diglossia.

ABSTRACT

In Vale de Xálima (Cáceres) three varieties of a language (*manhego* in São Martinho de Trebelho, *lagarteiro* in As Elhas and *valverdeiro* in Valverde de Fresno) consensually called *A Fala* are spoken, although this glottonym may be controversial. Since the boom of the 1990's, many researchers have conducted studies on these varieties; however, most of them focused on determining the origin and their linguistic assignment, whereby more descriptive work is needed in all fields of the language, especially in what concerns the lexicon.

Having as a starting point a collection of the available lexicon of *A Fala*, of the Vale de Xálima, we propose to analyze the variations found in two centres of interest: animals and plants.

Keywords: *A Fala*. Available lexicon. Variation. Castilianization. Diglossia.

1. O léxico disponível

Graças ao trabalho de R. Michéa nos anos 50 (cf. MICHÉA, 1953), introduziu-se no campo da léxico-estatística um novo conceito: o de léxico disponível, oposto (e complementar) ao léxico frequente, e entendido como “el caudal léxico utilizable en una situación comunicativa dada”, nas palavras de López Morales (1999, p. 111). Desde essa altura, os estudos de disponibilidade lexical têm tido um grande desenvolvimento, especialmente no âmbito francófono e no hispânico; neste último, graças, em grande medida, ao *Proyecto Panhispánico* coordenado por Humberto López Morales. Do mesmo modo, a metodologia da disponibilidade lexical tem dado lugar a campos de aplicação variados, para além do lexicográfico: desde a sociolinguística, passando pela dialectologia ou a psicolinguística, até ao ensino de línguas.

No nosso caso, efetuamos um estudo que se afasta, até certo ponto, das convenções estipuladas para o *Proyecto Panhispánico*, nomeadamente dos dezasseis campos nocionais ou *centros de interesse* estabelecidos por Gougenheim *et al.* (1956), uma vez que é nosso propósito dar uma nova aplicação às ferramentas que nos oferece a disponibilidade lexical. Este facto justifica a seleção dos diferentes centros de interesse alvo de estudo no presente trabalho: *Plantas e Animais*. Tal seleção deve-se a uma maior concentração de léxico patrimonial nestes campos nocionais e às características da língua objeto de estudo: *A Fala do val de Xálima*, variedade adscrita à família galaico-portuguesa. Não obstante a sua vitalidade, encontramos-nos perante uma variedade que não possui carácter oficial nem proteção legal, do mesmo modo que carece de qualquer normativa ou de presença no sistema educativo, e que apresenta abundantes rasgos que a afastam do tronco comum e que denotam uma progressiva castelhanização.

A análise que levaremos a cabo no presente artigo limita-se a expor os diferentes tipos de variação que aparecem (fonéticas, morfológicas e lexicais) “em bruto”, isto é, sem ter em conta índices de disponibilidade ou de aparição. Dadas as limitações de espaço, deixamos para um próximo trabalho a análise quantitativa dos diferentes tipos de variação e, o mais interessante, a análise qualitativa: comprovar se tais variações se encontram condicionadas pelo geolecto (*mañegu*, *lagarteiru* e *valverdeiru*) ou por alguma das variáveis sociolinguísticas estudadas (idade, sexo e contacto com a norma), o que nos dará indícios para compreender as motivações da mudança linguística desta língua minoritária.

Ao longo do texto usaremos algumas abreviaturas para agilizar a leitura:

- CI: centro de interesse
- AE: As Elhas
- SM: São Martinho de Trebelho
- V: Valverde do Fresno

Também serão referidas algumas fontes lexicográficas. Os equivalentes em português foram retirados do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Em alguns casos, as correspondências foram encontradas em outras fontes, as quais serão indicadas entre parênteses retos da seguinte maneira:

- *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [DPLP] <<https://www.priberam.pt/dlpo/>>.¹
- *Tesouro informatizado da lingua galega* [TILG] <<http://ilg.usc.es/TILG>>.
- *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* [TESOURO] <<http://ilg.usc.gal/Tesouro/>>.
- *Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española* [DRAE] <<http://www.rae.es/>>.

2. Edição dos dados

Serão analisadas as respostas de 116 informantes (38 de Valverde do Fresno, 39 de São Martinho de Trebello e 39 de As Elhas)² para os CI *Animais* e *Plantas*. Ao contrário de outros estudos, conservámos a maioria das variantes, incluindo os castelhanismos (cf. LÓPEZ PÉREZ, 2013, p. 29, ou LÓPEZ MEIRAMA; ÁLVAREZ DE LA GRANJA, 2014, p. 31-37), pois interessa-nos analisar precisamente a variação e o grau de penetração da língua-teto. Mantivemos, portanto, a variação lexical, morfológica e, em alguns casos, fonética. No que diz respeito a esta última, tendo em conta o grau de variação dentro desta língua e a alta variabilidade do componente fónico em geral, levamos a cabo algumas unificações. Devemos ter em conta que não existe uma norma ortográfica para estas variedades, pelo que tivemos de tomar algumas decisões na representação escrita das mesmas. Mantermos todas as variações fónicas tornava impossível a sua inserção na base de dados, pelo que optámos pelas grafias mais patrimoniais nestes casos de variação. Nos casos em que a pronúncia é sistemática, optámos por uma representação foneticista (independentemente da sua representação nas línguas afins, português e galego): é o caso do vocalismo átono final (-u, -i) e de palavras como *cuellu* ou *cuchinu*. Os casos de variação própria, isto é, característicos de uma (ou duas) variedade(s) serão analisados na secção correspondente.

¹ Foi selecionada esta segunda fonte, e não o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, por ser de fácil acesso a qualquer utilizador e por ser hoje referência nas consultas relativas ao português contemporâneo.

² Os informantes pertencem a várias faixas etárias (entre 20 e 85 anos) e diferentes graus de escolarização, mas tais variáveis não foram tidas em conta nesta investigação.

Os casos de forte variação fonética são, em primeiro lugar, a alternância [l/r] em posição implosiva, pelo que optámos pela grafia <r> na representação desta neutralização. O mesmo acontece com o vocalismo átono final e medial, em que encontramos inúmeras variações, por vezes até dentro do mesmo dialecto ou idiolecto. Nestes casos optamos pelas grafias <o> e <e>.

O grande desafio para a futura convenção ortográfica desta língua é, sem dúvida, a representação do sistema de sibilantes, devido à existência de dois sistemas: por um lado, o valverdeiro, sem consoantes sonoras, e, por outro, o manhego-lagarteiro, no qual existem pares fonológicos surda-sonora. O sistema de sibilantes é composto pelos seguintes elementos, indicamos o equivalente em português entre parênteses:

Tabela 1 - Sistema de sibilantes.

1. Consoantes fricativas alveolares:

- /s/: ['nosa] (*nossa*)
- /z/: ['kaza] ~ inexistente em valverdeiro: ['kasa] (*casa*)

2. Consoantes fricativas pós-alveolares

- /ʃ/: ['ʃalima] (*Xálima*)
- /ʒ/:
 - ['bjaʒi] ~ inexistente em valverdeiro: ['bjaxi] (*viagem*)
 - ['ojʒi] ~ inexistente em valverdeiro: ['ojʃi] (*hoje*)

- Existe também a africada pós-alveolar sonora, cuja aparição é sistemática após nasal e ocasional em manhego no início de palavra, /dʒ/: [na'raŋdʒa], ['loŋdʒi] ~ inexistente em valverdeiro: [na'raŋxa], ['loŋxi] (*laranja, longe*)³

³ No que diz respeito ao correlato surdo da africada, não apresenta variação e coincide nos três dialetos: ['tʃaβi], [fe'tʃar] (*chave, fechar*).

3. Consoantes fricativas interdentalis

- /θ/: [θeal], [θew] (*jantar, céu*)
- /ð/ → /d/ : [da'ʎal], ['kiŋdi] ~ valverdeiro: [θa'ʎal] ['kiŋθi] (*menino, quinze*).

Neste caso o que encontramos em lagarteiro e manhego não é uma sibilante, mas uma oclusiva dental sonora, proveniente da antiga fricativa interdental sonora.

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se depreende do ponto 2 da *Tab.1*, as correspondências fonéticas entre valverdeiro e manhego-lagarteiro nem sempre se ajustam à oposição (dos pares) surdo-sonoro. O valverdeiro apresenta fricativa velar surda em alguns casos em que o sistema manhego-lagarteiro apresenta uma fricativa pós-alveolar sonora ou uma africada pós-alveolar sonora, como se vê na *Tab.1*, mas também em algumas palavras nas quais a correspondência em lagarteiro e manhego é uma consoante fricativa pós-alveolar surda: [a'βaxu] (V) e [a'βaiʃu] (AE, SM) ou [de'xar] (V) e [dej'far] (AE, SM). Existem, portanto, múltiplas correspondências. Contudo, a fricativa velar surda existe no conjunto das três variedades, em palavras de uso habitual como *jamón*, e, sobretudo, em praticamente a totalidade dos cultismos, por influência do castelhano.

Este leque fonético tem dado lugar a várias propostas na representação das sibilantes (e não só), bem como múltiplos grafemas (tomados do castelhano, português e galego, ou inventados) usados pelos falantes de maneira irregular, como é lógico perante a inexistência de uma norma. Consequentemente, podemos encontrar as sibilantes representadas “à portuguesa”, “à galega” e mediante o uso de diacríticos, usados especialmente para marcar uma sonoridade inexistente em castelhano e identitária. Assim, podemos encontrar a consoante fricativa alveolar sonora representada mediante as grafias <s>, <ś>, <ṣ>, <ṣ̣>, <sh> e <x>, a fricativa pós-alveolar sonora com as grafias <g/j>, <ḡ/j̣>, <x>, <x'>, <x̣>, <x̣̣>, <xh>, <sh>, <y> e <ll>, e a africada sonora quer com estas últimas, quer com dígrafos como <dx> ou <dxh>.⁴

Na caracterização destes sons, para facilitar a sua inserção em *Dispolex*, a base de dados com que trabalhamos na nossa investigação, determinámos utilizar as grafias <g> e <j> para a fricativa velar surda e <ś> e <x̣> para as fricativas sonoras (alveolar e pós-alveolar, respetivamente), as quais serão

⁴ Vid. Costas González (2013, p. 219–229) para mais informações sobre as variações e propostas ortográficas.

também utilizadas no presente trabalho. A razão desta escolha resultou da necessidade de marcar graficamente a variação de pronúncias de palavras como *jabalí* (causada, neste caso e em tantos outros, por influxo da língua dominante), seguindo o critério de manter a informação como referido anteriormente.

3. Variações próprias

As variações que analisaremos de seguida são, predominantemente, variações diatópicas (ou seja, diferenças que encontramos de aldeia para aldeia), com exceção da morfologia e alguns casos de variação lexical, como veremos a seguir.

3.1 Variação fonética

O primeiro tipo de variação com que nos deparamos está associado a uma diferente evolução do sistema de sibilantes, como explicámos na secção anterior:

Tabela 2 - Diferenças fonéticas: sibilantes.

SAN MARTÍN	AS ELLAS	VALVERDI
CI Animais		
Bederru		becerru
Dorra		zorra
Perdidis		perdicis
Lombridis		lombricis
xabalí ⁵		jabalí
xineta		gineta
páixaru	paixaru	pájaru
lagartixa		lagartixa
CI Plantas		
endina, endineira, (encina)		encina, encineira
moruxa	regaiçal	regaixal, regaxal, maruxa
xinxeira		xinxeira
mosta(i)xeiru, mosta(i)xeira		mostajeiru
frenxós, frexós		frenjóns

Fonte: Elaborada pela autora.

⁵ Em AE, nas palavras que começam com [ʒ] por vezes aparece um i- protético não sistemático: *ixinetas*, *ixabaril*. Esta prótese é muito comum nas palavras *ixenti* e *ixovis*. Regista-se também o caso de *idorra* (um informante).

Outras variações fonéticas de relevo são as seguintes: a romãzeira em SM é sempre designada como *migreira*, consoante a queda sistemática do -d- intervocálico nesta variedade. No entanto, também encontramos essa palavra em V e AE, bem como a variante sem queda do -d- (*migradeira*)⁶. Uma outra diferença muito característica da variedade manhega é a vocalização do primeiro elemento do grupo -dr- (*lairillu, peira*; port.: *tijolo, pedra*)⁷, fenómeno que o lagarteiro só conserva nas vozes *mairi* e *pairi* (e derivados). Consequentemente, no CI *Plantas* encontramos *madroñeira* (AE, VA) e *mairoñeira* (SM, também aparece *madroñeira*), e *hedra* (AE, V) e *heira* (SM). Por último, *feto* apresenta duas formas: *fieitu* (SM, V) e *fitu* (AE).

3.2 Variação morfológica

Centrar-nos-emos agora nos numerosos casos do CI *Plantas* nos quais existe duplicidade de género e que aparecem em todos os três dialetos. Na Fala, tal como em galego e português, o sufixo derivativo mais comum para criar nomes de árvores é *-eiro, -eira* e é nestes derivados que encontramos a duplicidade de género que mencionávamos. Tal duplicidade, na maioria dos casos, gera unidades lexicais equivalentes; a variação de género masculino-feminino só se lexicalizou nos substantivos *pereira – pereiru*: *pereira* é a árvore que dá como fruto as *peras*, enquanto o *pereiru* é a árvore que dá os *perus*, variedade de maçã (mesma distinção que em português e galego). Verificou-se outro caso em valverdeiro, *carrasqueira – carrasqueiru*, que explicaremos na secção seguinte.

Nos restantes casos encontramos dois substantivos, masculino e feminino, que designam a mesma planta: *abruñeira-abruñeiru, ameixeira-ameixeiru, avellaneira-avellaneiru, carrasca-carrascu, carrasqueira-carrasqueiru, dabucheira-dabucheiru, esparragueira-esparragueiru, naranxeira-naranxeiru* (AE, SM) ~ *naranjeira-nanjeiru* (V), *madroñeira-madroñeiru, manzaneira-manzaneiru, migreira-migreiru, mostaixeira-mostaixeiru, pimenteira-pimenteiru, plataneira-plataneiru* e *tomateira-tomateiru*.

Uma possível interpretação desta variação, no caso das árvores, poderia ser uma eventual reconversão do género através do seu hiperónimo: *árbul ~ árbuli*; o qual, pelo menos na atualidade, é de género masculino^{8 9}. Ainda que nas línguas românicas não existam princípios gramaticais consistentes que expliquem o género dos substantivos que designam seres inanimados, existem “algumas tendencias que se basan en la coincidencia de género entre los substantivos y los hiperónimos

⁶ No Sabugal (Portugal) documenta-se uma forma semelhante: *merigadeira* [TESOURO].

⁷ Fenómeno presente nas falas estremenhas próximas, vid. González Salgado (2009, p. 60-61).

⁸ Até ao momento, não temos registado nenhum caso de variação de género para esta palavra, como sucede em outras que também provêm de substantivos da terceira declinação em latim: *o sal – a sal, o mel – a mel*, etc.

⁹ Em Penela (Portugal) surge “arble” como substantivo masculino [TESOURO].

que les corresponden.” (RAE, 2009, p. 123). Desde o ponto de vista histórico, lembramos o exposto por Vario (2011) sobre o sentido adjetival do sufixo *-eiro*, do latim *-ARIUM*:

Um dos sentidos adjetivais que será mais produtivo nas línguas românicas, sobretudo no português, é uma especialização para o significado vegetal, sobretudo árvores frutíferas. Esse fenómeno já desponta no latim vulgar, em que, por meio da elisão do substantivo, ocorre a incorporação do valor semântico “árvore” pelo sufixo, como em *arbor piraria > piraria > pereira*” (VARIO, 2011, p. 140).

Não obstante, devemos ter em conta que esta variação é comum ao português e galego, bem como ao espanhol. Assim, como formas coincidentes com a variação relativa ao género na Fala encontramos:

- em galego dialetal, os femininos *abruñeira* em Gudiña (Galiza) e *bruñeira* em Viladervós (Galiza); o masculino *ameixeiro*¹⁰ em Montederramo, Porto do Son e Ribadeo (Galiza); as formas *avelairo* ou *avellaneiro* em diferentes pontos de Galiza, Asturias e Zamora; *laranxeiro* e *naranxeiro* em vários pontos de Galiza e *maceiro*, *manzaneiro* e outras variantes¹¹ em vários pontos de Galiza, Asturias e Leão [TESOURO].
- em espanhol, como equivalentes de *avellano*, *madroño*, *manzano* (o *manzano silvestre*) e *naranjo*, encontramos *avellanera*, *avellanero*; *madroñera*, *madroñero*; *manzanera*, *manzanero* e *naranjera*, *naranjero* [DRAE].
- em português *pimenteiro* e *pimenteira* e em português dialetal, *abrunhêra* em Castro Marim [TESOURO]. Uma outra variação encontrada, não coincidente, foi *castanheira*.

¹⁰ Em Cee (Galicia) usa-se para designar a espécie *Prunus spinosa* [TESOURO].

¹¹ As outras variantes são *macieiro*, *mazaeiro*, *mazaquieiro* e *mazaieiro*.

3.3 Variação lexical

1. As diferenças de aldeia para aldeia, como é expectável, também estão muito presentes no léxico. No CI Animais encontramos cigañoti (AE, V), ciguñoti (AE, V) e garzañoti (SM) [port. gafanhoto]. Por sua vez, as variações encontradas no centro Plantas são as seguintes:

- Para a *Vigna unguiculata* (port. *feijão-frade* ou *feijão-fradinho*) encontramos três variantes perfeitamente distribuídas: *alveixas* (AE), *chícharus* (SM) e *ervillas* (V).
- O mesmo acontece com os grãos da *Phaseolus vulgaris* (port. *feijão*): *pibitas* (SM), *frenjóns* (V) e *gras* (AE). *Fre(n)jón* em AE e SM refere-se só ao feijão-verde.
- No caso do pimento e a correspondente planta, encontramos duas designações: *pimentu*, *pimenteira* (AE, SM) e *axín*, *axineira* (V).
- O marmeleiro possui a mesma designação em SM e V (*marmeleiru*), mas não em AE: *peroneiru*.
- A morugem recebe o nome de *moruxa* em SM, *regaiçal* em AE e *regaiçal* (mais comum) ou *maruxa* em V.
- Em SM registam-se duas denominações (*amacoreiru* e *cerdeira*) que convivem com *albaricoqueiru* e *cereixeira*, respetivamente. *Albaricoqueiru* é a denominação comum às três variedades, enquanto *cereixeira* só é partilhada com AE. No léxico disponível de V não aparece nenhuma variante com o som fricativo pós-alveolar surdo, só *cereceira*.
- No léxico disponível de SM surgem algumas palavras que não aparecem nas outras variedades. O primeiro par de palavras é *silva* e *silval* (port. *silva* e *silveira*, *silvado*), palavras que convivem com *zarza* e *zarzal*, únicos itens lexicais atualizados pelos informantes de AE e V. Em segundo lugar, os sinónimos *almendreira* e *almendruqueiro* (port. *amendoeira*), sendo que o último deles não aparece também no léxico disponível de AE e V. Sobre este aspeto, convém assinalar que ambas as formas procedem de uma derivação de dois sinónimos: *almendra* e *almendrucu* (port. *amêndoa*).

2. Outras variantes encontradas, não motivadas pela variação diatópica, foram *peci borrazú* ~ *renacuaiçu* como denominações do português *girino*, *moránganu* (morango silvestre) e *fresa* (morango), e *taranjineira* e *mandarineira* (port. *tangerineira*). O caso de *mandarineira* trata-se da derivação prototípica

de um substantivo que designa uma árvore a partir do seu fruto (*mandarina*); todavia, não encontramos nenhum resultado similar em português ou galego.

3. Um caso particular: os *abruñus* e as *ameixas*.

Segundo a informação proporcionada por vários informantes aos quais foi pedida uma descrição de cada um dos frutos, podemos concluir que *abruñu* ~ *agruñu* refere-se ao fruto da espécie *Prunus domestica*, *ameixa* (ou *ciruela*) ao da espécie *Prunus insititita* (o *Prunus domestica*, *subespecie insititia*)¹² e *abruñu* ~ *agruñu carrasqueiru*¹³ à espécie *Prunus spinosa*; informação que não coincide com as descrições de Yelmo (1997) e Román Domínguez (2008), que identificam *agruñu* com *carrasqueño* e *abruñeiro* (só) com a espécie *Prunus spinosa*, respectivamente. Surpreendentemente, para vários informantes de SM *abruñu carrasqueiru* (e a sua variante *abruñu carrasqueñu*), *carrasqueiru*, *-a* e *carrascu*, *-a* partilham o mesmo referente (*Prunus spinosa*).

Informantes de V, no entanto, identificam *carrasqueiru* com *alcornoqui* (para o qual também existem os sinónimos *sobreira* e *sobreiru*), por um lado, e *carrasqueira* com *encina*, por outro. Por último, não reconhecem como habituais *carrascu* e *carrasca* nem *ameixeira*, optando pelo termo *cirueleira*, à semelhança dos informantes de AE. Para estes os termos *carrasqueiru* e *carrasqueira* referem-se à espécie *Quercus coccifera* (port. *carrasco* ou *carrasqueiro*).

Estas irregularidades, por assim dizer, são perfeitamente expectáveis, tendo em conta ou alto grau de variação diatópica que apresenta o mundo dos vegetais em geral e a quantidade de variedades de algumas espécies de árvores em particular, sendo, por exemplo, 19 as variedades de *Prunus domestica* que são cultivadas em Espanha, segundo dados do *Ministerio de Agricultura y Pesca, Alimentación y Medio Ambiente*.

4. Variações por interferência da língua-teto

1. A situação de diglossia estrita em que vive a Fala provoca que sejam muitas as variações causadas por influxo da língua dominante. Para começar, encontramos interferências fonéticas que afetam a ditongação e o sistema de sibilantes. Assim, encontramos a redução de ditongos decrescentes em *corderu*, *loru* e *terneru-a* (CI *Animais*) e *palmera* (CI *Plantas*), face às formas patrimoniais correspondentes: *cordeiru*, *loiru* e *terneiru-a*, e *palmeira*. Destaca-se o par *pantera-panteira*, sendo esta última uma patrimonialização da primeira, como acontece no substantivo *primaveira* (cf. port. e gal.

¹² Ao contrário do que acontece em português padrão (vejam-se as definições de *ameixa* e *abrunho* no DPLP).

¹³ Maia (1977) também documenta *abrunho carrasco* em Batocas (Sabugal).

pantera e *primavera*). No caso de *romeru* não surge no léxico disponível de nenhum dos informantes a forma *romeiru*. Outro caso de redução do ditongo apresenta-o o par *maripoisa-mariposa*.

No que diz respeito às Ë e Ö tónicas latinas, estas não ditongam na Fala, do mesmo modo que em galego e português, com a particularidade de só existirem três graus de abertura e não quatro (não existem os fonemas /ɛ/ e /ɔ/). Todavia, perante o correlato patrimonial encontramos numerosos casos de ditongação: *corvu* - *cuervu*, *lebri* - *liebri*, *murcélagu* (ou a deformação *murcéganu*) - *murciélagu* e *porru* - *puerru*. Por outro lado, somente encontramos as denominações *cigüeña*, *serpienti* e *ciervu*, estas duas últimas talvez motivadas por serem de introdução mais recente (face aos termos *culebra*, mais estendido, e *veau*).

Onde encontramos mais interferências fonéticas da língua dominante é no sistema de sibilantes. Cabe lembrar novamente as diferenças entre o sistema manhego-lagarteiro e o valverdeiro. Assim, enquanto em V a forma patrimonial é *jabalí* (ou pelo menos é-o atualmente) em SM e AE esta forma convive com *ḡabalí*. Tendo em conta o anterior, as amostras de pares de sibilantes que encontramos são as seguintes:

Tabela 3 - Interferências fonéticas.

(AE, SM) Fricativa pós-alveolar sonora – fricativa velar surda
(CI <i>Animais</i>) cangreixu – cangreju renacuaiḡu – renacuaju ḡabalí, ḡabaryl – jabalí, jabalín ḡineta – gineta
(AE, SM, V) Fricativa pós-alveolar surda – fricativa velar surda
(CI <i>Animais</i>) xilgueiru – jilgueiru, jilgueru teixón, texón, taixon ¹⁴ – tejón
(CI <i>Plantas</i>) perrexil – perejil xara – jara xuncu – juncu
(AE, SM) Dental sonora – fricativa interdental sorda
(CI <i>Animais</i>) dorru – zorru

¹⁴ Não aparece no léxico disponível dos informantes a variante *teixugu*, recolhida por Román Domínguez (2008).

(CI <i>Plantas</i>)
acebu – adebu
endina, endineira – encina

Fonte: Elaborada pela autora.

Além dos exemplos anteriores, outro tipo de interferências fonéticas encontradas foram: *avespa* – *avispa*, *egua* – *yegua*, *escaraballu* – *escarabaju*, *trucha* – *truta*, *veau* – *venau*, *ran* – *rana*, *peci* – *pe*, *pez*; bem como *edra* – *yedra* no CI *plantas*. Registraram-se, ainda, *engañapastoris* e *grillu*, mas não aparece no léxico disponível dos falantes os termos *enganapastoris* e *grilu*, existentes nestas variedades. Por último, apesar da consoante interdental surda nunca ser articulada em posição final – *ve*, *vo*, etc., com os correspondentes plurais *vecis*, *vocis* (V) ~ *vedis*, *vodis* (AE, SM) – esta aparece em algumas ocasiões, como nos substantivos *perdiz* e *lombriz*.

2. Em termos de variação morfológica, no CI *Animais* encontramos duas formações do plural “à castelhana”: *bueyis* e *caracolis*. Quanto ao CI *Plantas* são bastantes as variantes relacionadas com os processos derivativos, como podemos ver na tabela seguinte:

Tabela 4 - Processos de derivação.

DERIVAÇÃO A PARTIR DO FRUTO	
almendruqueiru ~ almendreira	Almendru
avellaneira, avellaneiru	Avellanu
Castañeiru	Castañu
cirueleira	Ciruelu
madroñeira, madroñeiru	Madroñu
manzaneira, manzaneiru	Manzanu
Mandarineira	Mandarinu
(AE, SM) naranxeira, naranxeiru (V) naranjeira, naranjeiru	(AE, SM) naranxu (V) naranju
pereira ~ pereiru	peral ~ peru
OUTROS TIPOS DE DERIVAÇÃO	
Chopeira	Chopo
Espiñeiru	Espiñu
Follaranceiru	follaranzu ¹⁵
mimošeira	mimoša
mostaxeira, mostaixeiru	mostaixu
nogueira	Nogal

¹⁵ Em Román Domínguez aparece como ‘fruto do follaranceiro’, mas neste caso registou-se como árvore.

Oliveira	Olivu
Piñeiru	Pinu
roßeira	rošal

Fonte: Elaborada pela autora.

No que se refere à formação de substantivos que designam árvores de fruto (e não só), verificam-se dois processos: mediante o sufixo *-u* ou mediante o sufixo *-eiru/-eira*. O primeiro deles consideramo-lo fruto da influência do castelhano e é, de facto, mais frequente nas faixas etárias mais baixas. O caso de *nogal* e *nogueira* não se trata de um processo derivativo, senão de uma diversa evolução a partir do latim medieval NUCARIA ou do latim tardio NUCĀLIS; a primeira comum a galego, português e espanhol e a segunda própria deste último, mas não exclusiva: documenta-se *nogal* e *nojal*¹⁶ em Aranga, Carballo, Dumbria e Pedrafito do Cebeiro (Galiza) [TESOURO]. Notam-se também diferentes graus de adaptação do castelhanismo. Assim, o termo *ciruela* (cujo uso é muito variável, há quem o use como variante de *ameixa* face a *abruñu*, há quem o use como equivalente das duas frutas) gera duas palavras: *ciruelu* e *cirueleiru*, este último adaptação de uma palavra castelhana aos paradigmas derivativos da língua. Outras adaptações do castelhano encontramos nas palavras *follaranceiru*, *mostaixeiru(a)* e *madroñeiru(a)*, termos considerados por Costas González (2013, p. 183) prova de uma “vitalidade social dunha variedade que non acepta o empréstimo tal cal lle vén senón que o adapta”, sendo eles adaptações do espanhol *mostajo*, *madroño* e *ojaranzo* que não competem com designações vernáculas (ao contrário de *cirueleiru*). A adaptação de *mostajo* (esp.) não é exclusiva desta variedade, uma vez que aparece também em português dialetal: *mostaijeiro* e *mostaijo* (árvore e fruto) no Sabugal [TESOURO] e *mostajeiro* e *mostajo* como regionalismo da Beira [DPLP]. O caso de *madroñeiru*, *-a* é um pouco mais particular. O termo *medronho* (fruto ou arbusto) e *medronheiro* figuram tanto no dicionário *Houaiss* como no *Priberam* sob uma etimologia de origem obscura. Diversas variações de *medronheiro* no português europeu são encontradas no TESOURO: *madronhêra*, *medronhêr*, *midronhêiro*, etc.; no caso de *madronheiro*, este é recolhido no Sabugal, no Fundão e em Castelo Branco. É esta forma a que figura como forma histórica no *Dicionário Houaiss* (1562), frente à mais estendida *medronheiro* (1716). No que se refere ao galego, regista-se *madroño* como “froito do madroñeiro” em Allande e *madroñeiro* em Villayón [TESOURO]. No TILG recolheram-se 12 ocorrências de *madroño*, uma de *medroño* e uma outra de *modroño* (num total de 11 obras), embora duas delas sejam duvidosas, pois referem-se à vila “del oso y el madroño” (símbolos arquetípicos de Madrid).

Outro tipo de variações de salientar são as de *mimoseira*, *chopeira* e *mandarineira*, esta última já comentada na secção anterior. Tanto *mimoša* como *mimoseira* são variantes vernáculas, sendo estas

¹⁶ Supomos que o grafema <j> é utilizado para transcrever a gheada galega.

últimas uma derivação da própria planta que também encontramos em Silleda y Ramirás (Galiza) [TESOURO]. É este o mesmo fenómeno ocorrido em *chopeira*, uma patrimonialização do derivado do latim POPŪLUS.

3. É o nível lexical o mais permeável no que diz respeito à introdução de castelhanismos. Os pares palavra patrimonial-castelhanismo de fauna e flora autóctones aparecem referidos na seguinte tabela:

Tabela 5 - Castelhanismos lexicais.

<i>CI Animais</i>
anduriña – golondrina dona, dunisiña, dulusiña, durusiña – comadreja garzañoti, cigañoti, ciguñoti ¹⁷ – saltamontis miñoca – lombrí pardal – gorrión popa – abubilla rola – tórtola turrión – abejarucu
<i>CI Plantas</i>
abruñeiru, agruñeiru, ameixeira – cirueleiru carvallu – robli fieitu, fitu – helechu hortelán, hortelana, herbaboa – hierbabuena marmeleiru – membrilleiru presegueiru – melocotoneiru salgueiru – sauci

Fonte: Elaborada pela autora.

Além das ocorrências anteriores, registaram-se os substantivos *nutria* e *luciérnaga*, sem que nenhum dos informantes atualizasse o equivalente patrimonial (*lundria* e *coquiñu da lu* ou *da lumi*, respetivamente).

Por último, no que concerne à fauna não autóctone, esta, da mesma maneira que o resto de línguas romances, procede da sua denominação científica, pelo que coincide, na maioria de situações, em todas elas (cfr.: *elefanti*, *tigri*, *tiburón*, etc.). Não obstante, encontramos alguns termos que não sofreram nenhum tipo de processo de adaptação e foram tomados diretamente do castelhano: *jirafa*, *ballena*, *pez espada* ou, com uma pequena adaptação fonética, *osu hormigueru*.

17 Recolhe-se também a variação fonética “cigüeñoti”.

Considerações finais

A Fala é umas das línguas com mais vitalidade dentro do panorama linguístico europeu. Esta vitalidade revela-se não só nas percentagens de uso, como nas atitudes dos falantes que mostram um grande orgulho linguístico e um elevado grau de consciência perante a necessidade de proteção destas variedades (cfr. MANSO, 2016). Todavia, a falta de proteção, a escolarização obrigatória e exclusiva em espanhol, o facto de esta última ter sido a língua das elites, ser a língua da administração e serviços, associado à crescente influência dos meios de comunicação, o abandono das atividades tradicionais e a passagem de uma sociedade rural a uma mais urbana, estão a dar origem a um processo de castelhanização que tem vindo a desenvolver-se especialmente desde os anos 80 e que afeta a língua em todas as suas áreas; processo que constatamos na análise do léxico de dois campos nocionais que, à partida, concentram uma maior quantidade de léxico patrimonial.

O exposto nas páginas anteriores vem corroborar, portanto, duas necessidades imperativas da Fala. A primeira delas é uma maior e melhor recolha e análise do léxico vernáculo, uma vez que são escassos os trabalhos dedicados à recolha exaustiva do léxico desta língua. A investigação aqui apresentada foi complementada com uma série de aporções lexicográficas, ou seja, foram compendiadas e analisadas palavras ou variantes que não constam das principais obras de recolha lexical (vid. MAIA, 1977; REY YELMO, 1997; e ROMÁN DOMÍNGUEZ, 2008), mas que foram referidas pelos informantes no questionário de léxico disponível. Devido à limitação de espaço, decidiu-se deixar esta parte do trabalho para uma futura publicação. Da nossa parte, deveremos, portanto, alargar a análise deste compêndio de termos não recolhidos na literatura sobre A Fala, bem como incidir nas causas e sentido das variações encontradas, tendo em conta as diferentes variáveis sociolinguísticas.

Em segundo lugar, urge a proteção destas variedades, as quais estão a caminho da hibridização com a língua dominante. A desproteção e a cada vez maior presença do castelhano no quotidiano dos falantes, sobretudo pela escolarização monolingue e através dos meios de comunicação, faz com que o processo de castelhanização seja iminente, imparável e, se não atuarmos, talvez seja mesmo irreversível.¹⁸

¹⁸ Agradecemos a Xosé-Henrique Costas González pelas suas valiosas apreciações sobre este artigo.

Referências bibliográficas

- COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique. **O valego: as falas de orixe galega do Val do Ellas (Cáceres-Estremadura)**. Vigo: Edicións Xerais, 2013.
- GÓNZALEZ SALGADO, José Antonio. Las hablas de Jálama en el conjunto de la dialectología extremeña. **Revista de Filología Románica**, 26, 51-70, 2009.
- GOUGENHEIM, George; MICHÉA, René; RIVENC, Paul; SAUVAGEOT, Aurélien. **L'elaboration du français elementaire**. Etude sur établissement d'un vocabulaire et d'un grammaire de base. Paris: Didier, 1956
- LÓPEZ MORALES, Humberto. **Léxico disponible de Puerto Rico**. Madrid: Arco Libros, 1999.
- LÓPEZ MEIRAMA, Belén; ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María. Léxico dispoñible do galego. Anexo 71 de Verba, **Anuario Galego de Filoloxía**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2014.
- LÓPEZ PÉREZ, Leticia. O léxico dispoñible do galego. **Análise descritiva e comparativa do vocabulario dos nenos galegos**. Trabalho de fim de licenciatura. Grau em Língua e Literatura Galegas. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2013.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. **Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla**. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos.1977
- MANSO FLORES, Ana Alicia. Enquisa recente no IES Val de Xálama. **Sermos Galiza**, 133, 25 de fevereiro de 2016.
- MICHÉA, René. Mots fréquents et most disponibles. Un aspect nouveau de la statistique du langage. **Les Langues Modernes**, 47, 338-344, 1953.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA / ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la Lengua Española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2009.
- REY YELMO, Jesús Claudio. **Hablas fronterizas extremeñas: el mañegu**. Tese de doutoramento, Universidad de Extremadura, Cáceres, 1997.
- ROMÁN DOMÍNGUEZ, Arantxa. **Contribución ao léxico do galego exterior**. O val do río Ellas. Trabalho de investigação (terceiro ciclo), Universidade de Vigo, Vigo, 2008.
- VIARO, Mario Eduardo. **A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica**. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.